

Padrinho Alfredo fala do



“...E do assentamento ecológico que temos pensado há 3 anos, programando este projeto para pessoas que estejam à altura de habitar no local novo, com desenvolvimento ecológico e extrativista. É um seringal muito antigo, desabitado há mais de 40 anos. É o lugar onde meu pai nasceu. Nasceu, trabalhou, desenvolveu, chegando a construir família. Era a época do “soldado da borracha”, em que o pessoal do sul, do norte, de qualquer lugar do Brasil, se destinava para a Amazônia.

E foi neste local que chegou uma família nordestina, do Rio Grande do Norte, a família do meu avô, por nome Idalino, e da minha avó Maria, Maria das Chagas, que tinha também o nome de Mariquinha. Foi nesta oportunidade nos anos 40, 45 para 50, que meu pai encontrou-se com a jovem Rita Gregório, que veio a ser minha mãe, veio a ser sua esposa e mãe de vários filhos. Hoje estamos já numa idade madura, buscando descobrir os segredos daquele lugar e as lembranças dos trabalhos, dos grandes trabalhos feitos por Sebastião Mota de Melo. Foi um trabalho muito especial resgatar os locais, as coisas muito antigas, como plantações, sinais de casas, sinais de caminhos e outras lembranças bastante importantes do tempo do meu pai.



A finalidade e objetivo de estar lutando e trabalhando para me aproximar deste lugar, é tanto pelas lembranças antigas de um berço, de um nascimento material muito importante, assim como o grande berço do nascimento espiritual, do conhecimento espiritual do Sebastião, do meu pai. Foi lá onde ele, aos 25 anos, se encontrou desenvolvido e apesar do seu desenvolvimento ter levado uns 10 anos, desde os 8 ele já tinha um chamado muito importante para os conhecimentos espirituais. A partir desta data até os 25 anos, tornou-se uma pessoa conhecida naquela área como um bom curador do seringal, aonde não podíamos esperar nenhum outro recurso, nem médico e nem mesmo outros curadores. Ali estava Sebastião Mota de Melo tratando de uma massa de gente, onde se podia contar com oito ou dez pessoas toda semana na sua casa, presenciando e participando do seu trabalho de mesa branca, do seu trabalho mediúnico e instruções esotéricas, assim como conselhos e remédios que eram passados pela mão daquele aparelho tão importante, através de guias muito considerados, como o professor Antônio Jorge, José Bezerra de Menezes, a irmã Maria Amélia, Antônio Mendiães... e outros.

Neste lugar, levou muitos anos fazendo esse atendimento àquele povo necessitado e trabalhando para educar sua família, o que não lhe era bastante suficiente. No desejo de botar os filhos para estudar, de aprender outras sabedorias que, sem dúvida, ele iria encontrar, é que Sebastião Mota fez sua grande canoa, fez seu rumo, aprontou seu varejão, aprontou sua linha de cisga e arrumou tudo dentro da canoa, com tolda de palha, colocando

toda sua família, sua esposa e seus filhos, e partiu para o Cruzeiro do Sul. Foi uma caminhada de aproximadamente um mês ou um mês e meio, navegando de forma primitiva como ele navegou, para chegar ao ponto em que se encontrava o primeiro pouso, o primeiro campo de arriação.

Então, levamos quase dois meses subindo o rio Juruá, palmilhando as praias, palmilhando os barrancos e atrevessando de uma praia prá outra de remo e sempre aquele homem com aquela corda nas costas, puxando uma canoa de mais de uma tonelada de peso, para assim poder nos levar a uma outra cidade, que foi Rio Branco. Sendo que a nossa caminhada da floresta até o Cruzeiro do Sul tem um conteúdo histórico muito importante, que posteriormente poderemos detalhar, coisas que vão somar na compreensão de toda essa história.

Chegando a Rio Branco, ele procurou uma dica que teria recebido de seu Mestre desenvolvedor, Mestre Oswaldo. Ele procurou essa casa espírita, que veio mais tarde encontrar, a casa do senhor Raimundo Irineu Serra, o Mestre Irineu. Daí ele iniciou com mais graus de conhecimento, com mais altura espiritual, o conhecimento da doutrina do Santo Daime, que levou o nome de CEFLURIS, Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, que lhe elevou para um ponto de tranquilidade, de calma e sabedoria e com isso foi iniciada uma congregação, onde ingressou muita gente.

Hoje estamos com essa força, unindo esta força, não só de parentes como de amigos que acreditaram neste padrinho, acreditaram neste homem, neste pastor espiritual e que estamos juntos formando a corrente de união para a reabertura deste lugar que há tanto tempo ficou parado, ficou bruto na floresta como um encanto, como uma dádiva encantada, deixada ali por Sebastião Mota de Melo.

Eu lembro de pequenas coisas, mas são coisas bastante comoventes, porque são lembranças da minha infância que ficaram também guardadas lá naquele ponto, que só voltando lá como eu voltei, só trabalhando lá como eu trabalhei. E reabrindo como estou, iniciando esta reabertura, é que me vem clareando lentamente as melhores lembranças da minha infância e algumas outras deverão ser lembradas no dia que eu estiver com minha mãe, que ela puder apontar que isso foi ali, que isso foi lá. Aí então, eu acho que vou ter mais lembranças daquela idade de seis, cinco anos que era a minha idade quando eu saí da mata acompanhado de meu pai para Rio Branco. Mas eu me alegro muito também porque eu gosto da floresta, eu gosto dos locais de calma, eu gosto de trabalhar com ecologia, eu realmente gosto da natureza e a natureza ali é uma natureza rica, pelo menos em visão, pelo visual de vista, porque o Amazonas é rico em todos lugares, em toda parte da Amazônia é muito importante, mas para nós, para mim, aquele lugar tem destaque até por isso, porque me faz lembrar lembranças do passado e coisas de criança.

Continuando a nossa história ali no Mapiá, como hoje nós estamos situados na Amazônia, a terceira mudança foi de Rio Branco para o Amazonas - Boca do Acre - Mapiá. Então, se Deus quiser, com toda firmeza, me sinto é na hora e na altura de ver outro lugar e escolher esse lugar, até por causa destes privilégios da nossa infância e da infância dos meus pais, não só de meus irmãos, como também de meus pais, onde um nasceu e a mãe morou muito tempo. E foi lá, por vontade de Deus, Sebastião Mota, Rita Gregório, o começo dessa família Gregório de Melo. Não teve outra oportunidade para ter uma família dessa, Gregório de Melo. Eu estou tomando minhas bases, expandindo e esclarecendo, examinando bem direitinho com muito cuidado, com muita calma, com muito conselho espiritual para que eu não entre num trabalho sem o apoio espiritual do meu Mestre, da nossa doutrina, do próprio meu pai.

Mesmo depois da sua passagem, mesmo que não esteja em carne, encarnado para ir lá comigo, me dá esta alegria de dizer onde foram os pontos que eu quando criança chorei, dei trabalho prá ele ou foi preciso ele me botar no tutum prá poder me levar ou tava dormindo cochilando na popa da canoa. Ele pescando tinha que jogar água assim com o remo, páa! Batia no lago prá água voar prá mim, prá me assustar, prá mim não cair dentro do lago, por que me dava um sono danado quando eu ia pescar mais ele.

Espero assim, poder fazer uma história verdadeira, com explicações bastante claras, não só para meu povo do Mapiá, mas também para o povo que nos procura, o povo que nos segue, que nos acompanha, à essa doutrina, gente de outros países ou mesmo das cidades grandes do nosso Brasil. Não só gente do seringal, não só gente da colônia, mas também gente da cidade, gente das altas capitais estrangeiras como Japão, os Estados Unidos, Europa...

Portanto quero fazer este esclarecimento mediante tudo que venho escrevendo, mediante tudo que a gente vem gravando, que a gente vem filmando, para que essa história seja bem esclarecida e só possa nos acompanhar quem nos entender. Para que seja um trabalho que não venha regredir e nem tumultuar, o que já vem sendo feito em outros locais, em outras comunidades, em outras cidades. Não! É um trabalho voluntário, de livre e espontânea vontade e sinto que é um trabalho determinado por Deus como uma missão. Levar a doutrina, levar os ensinamentos do Mestre Sebastião Mota de Melo àquele povo, naquela região. E a maior parte ainda se lembra dele e tem consideração por ele e se assim acreditarem poderão até viver ainda numa vida guiada e iluminada por esse grande espírito.

Pela sua totalidade, pelo seu ensinamento, pelo seu poder demonstrado, podemos dizer: O nosso guia é São João Batista. O nosso guia espiritual São João Batista está conosco, está nos clareando, está nos pedindo calma mais do que nós já podemos ter. Está nos pedindo capacidade e respeito uns com os outros para mostrarmos uma coisa boa, uma coisa que na Terra não exista, porque de tudo que já existe na Terra, já tem. Temos que mostrar um modelo novo, uma vida nova, uma satisfação muito boa e ainda mostrar firmeza no que estamos fazendo.

Vou cada vez mais pensar melhor, para na continuação fornecer maiores informações para o nosso histórico. O que no momento posso dizer é de uma grande batalha que já iniciei naquela área, chegando a me sobrecarregar de responsabilidades ultimamente, assim até o “gogó”, como diz o povo da mata. Então, estamos cheios até o “gogó” de responsabilidades, mas é um trabalho que vai mostrar interesse prá outras pessoas, vai mostrar vantagens e coisas muito boas para os nossos irmãos. Estamos iniciando ali um trabalho, cheguei a fazer uma fundação, o assentamento do local, nesses tempos que passamos agora. Tivemos formando a linha norte, sul, leste, oeste para que seja localizada ali uma comunidade ecológica nos termos mais baratos, nos termos mais primitivos e mais naturais possíveis.

Que nós possamos assim, desenvolver e ao mesmo tempo saborear dos melhores e dos maiores modelos ecológicos da nossa floresta amazônica. Já posso contar com a compra de dois barcos, um pequeno motor e um grupo que já vem se oferecendo para se alistar no batalhão que deverá ser assentado lá. Um batalhão de pessoas humildes que irá somar àquela pequena vila ecológica e também servir às demandas de pessoas que nos venham visitar, que venham passar tempos conosco naquela



área e assim podermos fazer um atendimento natural , mas bastante agradável, para que os irmãos ou até mesmo grupos turísticos que não estejam ligados ao Santo Daime, possam nos ajudar a desenvolver o lugar sem que o cansaço, sem que o desespero, sem que a perturbação do dinheiro e disso e daquilo outro seja um atraso prá nossa vida, seja como se diz, mais uma consumição de anos para nossa vida.



Quero firmar a minha palavra de que ali desejo um local prá multiplicar a nossa vida, multiplicar nossa saúde, multiplicar nossa sabedoria, multiplicar nosso silêncio. Multiplicar nossa verdade, nossa calma de sermos filhos do Sebastião verdadeiramente, que não dava nenhum valor às coisas tumultuadas das grandes cidades, dos grandes prédios, dos grandes arranha-céus, não deixando nunca de dar louvor à Deus por tudo, não deixando de agradecer a Deus por toda sua grandeza, por toda sua riqueza, por toda sua tecnologia que passa para os homens da Terra, para os sábios da Terra.

Agradecemos tudo isso, mas não queremos fazer dali um lugar tecnológico, a ponto de termos que viver sob os fios, sob os postes e sobre a engrenagem de coisas que são naturalmente anti-ecológicas e sim somando estas necessidades, essas invenções ótimas que tem no mundo para facilitar o nosso andamento. E também a melhora de muitos irmãos que possivelmente vão para lá é para nos dar trabalho e responsabilidade de melhorá-los, de educá-los e de encaminhá-los. Portanto sejam sabedores aqueles que puderem alcançar e ouvir este detalhe, este esclarecimento, que o nosso trabalho lá, é um trabalho lento e é um trabalho que não vai mexer com o Céu do Mapiá, desestruturar o Céu do Mapiá prá estruturar outro lugar, não!

Que todos possam entender que este modelo comunitário, meu pai fez é para ser expandido na Amazônia e que ali é o primeiro lugar que vem a ter o privilégio de já receber as primeiras aulas neste sentido, receber os primeiros assentamentos, no sentido de se provar o modelo Céu do Mapiá em outro local. Com diferenças no crescimento, porque queremos assim aproveitar todo aquele ensinamento, toda aquela oportunidade, toda aquela grandeza que já tem no Céu do Mapiá, queremos aproveitar para somarmos. Novas aberturas que poderão ser não só nos estorrões no Juruá, mas também outras comunidades no próprio rio Juruá, que é muito grande, que não dá prá fazer um atendimento espiritual, principalmente na linha do Santo Daime, num lugar só. Esperamos assim que aquele local seja o ponto modelo de podermos apresentar e começar um novo trabalho.”

